**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

**DEPARTAMENTO DE MÚSICA**

**DAVID BRASIL**

**GABRIELA SILVEIRA**

**IURI GALATI**

**LÍVIA PEGORARO**

**MARCOS WESLLEY**

**MOISÉS LESSA**

**GAROTO:**

**Uma breve biografia**

SÃO PAULO

2020

1. **NASCIMENTO DE GAROTO**

Aníbal Augusto Sardinha, o Moleque do Banjo, apelido este que premeditou o nome que o consagraria como artista, Garoto. Nascido em 1915, no contexto da primeira guerra mundial, descendente direto de família portuguesa, quinto filho de sete, é o primeiro a nascer no Brasil. Moradores de um bairro operário em São Paulo, chamado Vila Economizadora, malvisto por brigas e confusões, Aníbal, não participava das algazarras, desde sempre seu interesse estava nos instrumentos que haviam em casa.

Cresceu rodeado de música. Seu pai, Antônio Augusto Sardinha tocava violão e guitarra portuguesa, bem como seus dois irmãos, Batista e Inocêncio, que tocavam também o banjo e possuíam um quarto cheio de instrumentos, com flauta, violões, violinos. Garoto entrava sorrateiramente e, sem ser visto pelos irmãos, ainda bem criança, brincava com os instrumentos. Assim, pegou no violão a primeira vez com 5 anos, escondido de seu irmão, e, por viver e crescer em uma casa com a música tão presente, sua intimidade com o instrumento foi enorme, a ponto de conseguir, de imediato, reproduzir algumas posições.

A carreira de Garoto está totalmente associada ao crescimento das rádios e o mercado de trabalho junto às gravadoras, que tem seu surgimento e desenvolvimento concomitante. Ele começa a ganhar visibilidade e ingressar no meio musical perto da década de 30. Nessa época os rádios já eram um grande veículo de comunicação e cultura, detendo uma grande parte dos trabalhos musicais e possibilidade de crescimento na carreira. A década de 1940 é tida como a Era do Rádio. Emissoras de rádio eram se tornaram principal trabalho fixo do músico e Garoto recebia um dos salários mais bem pagos entre todos, o que evidencia seu prestígio no meio música.

1. **PRIMEIRAS AULAS**

Suas primeiras aulas de violão aconteciam informalmente, Quinzinho era um chorão da época e amigo da família. Garoto costumava frequentar sua casa para tirar dúvidas de violão. Sua vivência musical desde criança também foi acentuada por amigos músicos, entre eles Dugenir, sua futura esposa e violinista. Violino foi também seu primeiro instrumento, presente dado pelo seu irmão Batista, seu grande ídolo. Reconhecido o talento musical de Garoto pela família, foi decidido que Aníbal estudaria música seriamente. Assim, seu primeiro professor de violino foi Arthur Busin, músico que mais tarde viria a tocar com seu irmão Batista em alguns conjuntos.

Porém, muito logo seus estudos foram interrompidos pois, devido a um acidente sofrido por seu pai no trabalho na guarda civil, Garoto passou a trabalhar e, consequentemente, largou os estudos e passou a trabalhar, como filho mais velho em casa tornou-se o responsável pelo sustento do lar, visto que seus irmão mais velhos já haviam casado. Passou a trabalhar como auxiliar de escritório e logo foi demitido pois, no caminho das entregas de seu trabalho, se dispersava com a casa de música onde o compositor e pianista Gaó tocava. Seu segundo trabalho foi em uma loja de música, onde Garoto poderia tocar instrumentos e as vendas, assim, aumentaram consideravelmente.

1. **A CARREIRA, AS RÁDIOS E AS GRAVADORAS**

Nesta época, seu irmão Batista liderava a *Jazz Band Universal.* O grupo se apresentava no circo e Garoto estava sempre lá com seu banjo, instrumento que ele deu início de fato a sua carreira musical, ainda que, neste momento, amadora. Fazia participações com o grupo e sua presença passou a atrair bastante público. A partir desta vitrine Garoto passou a integrar alguns outros grupos como Grupo regional do Pory e no grupo dos Sócio, liderado pelo seu irmão Inocêncio. Mesmo ainda muito novo, com estes grupos passou a tocar em cinemas, baile, festas familiares e até suas primeiras remunerações como músico.

Em 1928, com apenas 13 anos, Garoto teve uma primeira grande oportunidade que abriria as portas para sua carreira. Foi chamado por Canhoto, na época um dos músicos mais importantes de São Paulo, para compor a Orquestra Típica, com mais de 50 músicos, naipes de bandolim, cavaquinho, violão, para tocar no evento da *General Motors*. Foi um grande encontro entre músicos profissionais, muitos renomados na época, e a partir desse evento, Garoto passou a integrar o conjunto Verde e Amarelo, liderado por Paraguaçu. O grupo fez inúmeras gravações, atuações em rádio e excursões até 1938.

Em 1930 Garoto também lança dois discos, um com o Com o conjunto Chorões do Sertão e seu de estreia com duas composições suas Bichinho de Queije (maxixe) e Driblando (maxixe-choro), ambos gravadora Parlaphon. Neste mesmo ano Garoto estreia na Rádio Record de São Paulo e passa a ser integrante do conjunto da emissora.

O ano de 1931 foi de intensa atividade musical. Participou do Festival de Música Brasileira no Clube da Liberdade. Integra o grupo Os Calungas que, pela gravadora Columbia, lança um LP que contém o samba de Garoto em parceria com Barreto chamado Zombando da morte, um sucesso da época. Neste mesmo ano, houve um concurso de música popular promovido pelo jornal *A Gazeta* com o apoio da rádio Educadora, rádio rival a que Garoto trabalhava. Os resultados obtidos geraram uma desconfiança quanto a veracidade da votação, visto que a emissora apoiadora o festival era rival da emissora que Garoto e seus companheiros representavam. Iniciou-se, assim, uma rivalidade entre as emissoras de rádio e, consequentemente, entre alguns músicos. A rivalidade das emissoras e disputa pela contratação dos músicos só aumentavam.

1. **MULTI-INSTRUMENTISTA E COMPOSITOR**

Ainda em 1931 Garoto é contratado pela Rádio Educadora para integrar o conjunto da emissora, apresenta-se também com a Jazz Band Otto Wey e Sexteto Bertorino Alma, além de participar ativamente da homenagem feita em memória do músico Ernesto Nazareth. A Rádio traz ao Brasil o violão tenor, até então inédito no país, e dá nas mãos Garoto.

“Garoto atribui a si o batismo do instrumento: O violão tenor foi lançado por mim no Brasil em 1933. Com este maravilhoso instrumento tomei parte em programas radiofônicos, teatros etc. Este instrumento é de origem americana, onde é conhecido pelo nome de triolin. No Brasil, batizei-o de violão tenor” (MELLO, Jorge. 2015. p.15)

O nome é contestado pelo músico pesquisador Márcio Petracco que dá a originalidade do mesmo aos Estado Unidos por haver o uso desde 1920, afirmando que triolin era usado para denominar violões menores. Garoto teria feito assim apenas a tradução. Nesta época novos instrumentos chegavam ao brasil para compor a programação das rádios, além do violão tenor veio também a guitarra baiana e o ukulele. A diversidade de instrumentos de cordas que Garoto tocava vinha aumentando. Tem-se registro de Garoto se apresentar em rádios com cavaquinho, banjo, violão tenor e bandolim. Consolidando-se com um multi instrumentista.

Em 1935 garoto passa a atuar na rádio Cosmos, no grupo regional de choro e no grupo de jazz. No segundo semestre desse ano integrou a IV caravana artística, que reuniu artista de rádio de São Paulo para apresentação no Pavilhão de Festas da Exposição Rodoferroviária do Paraná, sua habilidade com muitos instrumentos lhe conferiu um destaque na imprensa. Desse encontro nasce uma parceria forte entre Garoto e Aimoré, dupla que perpetua como trabalho importante e que marca a carreira dos dois. Neste mesmo ano, de 1935, ocorrem muitas atuações do duo, uma delas soma um terceiro músico, Charles Romuald Gardes, nascido em 11 de novembro de 1890, em Toulouse, França, e mais conhecido como Carlos Gardel. Como ele, Garoto e Aimoré fazem uma série de números musicais.

Em 1936, por conta de uma identificação política entre Vargas e o neonazismo, muitos artistas partiram para Alemanha e Holanda para algumas apresentações. Aos mesmo tempo o Conjunto Típico dirigido por José do Patrocínio Oliveira (Zezinho) vai à Europa através de um cruzeiro onde passam 3 meses se apresentando em diversas cidades. Em Paris tem a oportunidade de assistir a uma apresentação de duo Django Reinhart e Stephan Grappelli. Garoto tem uma grande influência de Django em sua música e alguns dizem ser esse espetáculo o responsável. No documentário *Laurindo Almeida, muito prazer*, afirma-se que Garoto e Nestor Amaral faziam parte do grupo e que também assistiram ao duo. Porém há o fato de que, nesse mesmo mês, Garoto participava do Festival da Federação Paulista das Sociedades de Rádio, em São Paulo, e Nestor estava em Buenos Aires.

A dupla Garoto e Aimoré seguia a todo vapor, foram indicados para acompanhar artistas cariocas, como Sílvio Caldas, Nonô, Luís Barbosa e Aracy de Almeida, em apresentações no teatro Sant’Anna. Depois disso foram convidados pelos artistas cariocas à uma excursão a Santos, onde se apresentaram no Teatro Coliseu. Posteriormente Garoto e Aimoré se apresentaram na Rádio Mayrink Veiga, do Rio de Janeiro. Assim, os artistas paulistas encontravam espaço nas rádios do Rio de Janeiro.

De volta a São Paulo, Garoto foi contratado pela Rádio Cruzeiro do Sul, onde passou a integrar a Orquestra Colúmbia, dirigida pelo maestro Gaó, arranjador e diretor artístico da emissora, o grupo liderado por Parajá e o grupo liderado por Veneziano, cujo repertório era voltado a músicas italianas. Garoto também se apresentava individualmente, em números ao violão tenor, cavaquinho e até violino.

Garoto além de multi-instrumentista foi também compositor, porém muitas de suas músicas não foram gravadas. Alguns manuscritos são encontrados, mas ainda há pouco registro sobre sua obra como compositor comparado a sua produção efetiva.

Em meio a tantas atividades, também compunha: recentemente descobriu-se em seu caderno de partituras uma composição de 1937, até então desconhecida, A saudade, um prelúdio com melodia e acompanhamento para violão. No ano seguinte, 1938, Garoto compôs Doce lembrança, valsa lenta, escrita para violão e dedicada a Jorge Jamil Neder; Sea Rosinha, canção, em parceria com Euclydes de Andrade; e Triste lembrança, samba-canção, em parceria com Mário Silva. A primeira delas foi publicada no álbum The guitar works of Garoto vol. 2. As duas últimas não foram publicadas nem gravadas, aparecendo somente em forma manuscrita em seus cadernos de música. (MELLO, Jorge. 2015. p.15)

Garoto fez também uma parceria enorme com Moreira da Silva e gravou pela Columbia sucessos de carnavais. Em 1942 eles já haviam gravado nove discos. A intensa convivência com o Cantor Moreira da Silva trouxe para a musicalidade de Garoto uma nova ginga, que pode ser ouvida em seu choro, composto posteriormente, *Vamos acabar com o baile*.

Em 1938 Garoto retornou ao Rio de Janeiro com a esposa para lá morar. Instalou-se em uma casa próxima ao seu local de trabalho, a Rádio Mayrink Veiga. Nesta rádio participou dos grupos Cordas Quentes, que reunia os instrumentos de Garoto com o violão de seis cordas, contrabaixo e o violino. Garoto também formou o Duo do Ritmo Sincopado, em ambos os conjuntos estava em parceria do músico violonista Laurindo Almeida. São possivelmente dessa época os três discos que Sílvio Caldas gravou pela Columbia com Garoto e seu regional a acompanhá-lo. O Duo do Ritmo Sincopado participou de nove discos pela Odeon, como acompanhantes, e gravou um disco solo pela RCA Victor. Em seis meses de intensa atividade radiofônica, Garoto e Laurindo gravaram com grandes expoentes da música brasileira. O duo acompanhou, entre tantos outros, Carmen Miranda, Ary Barroso e Dorival Caymmi.

1. **NOS ESTADOS UNIDOS, COM CARMEM MIRANDA**

Desde a época das excursões de artistas brasileiros à Argentina, a cantora Carmen Miranda era considerada a embaixatriz do samba. Ao abraçar agora a “política da boa vizinhança” proposta pelo presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt aos demais países do continente, o governo Vargas iria mantê-la na função de principal divulgadora da música brasileira no exterior 2. Carmen acabara de regressar de uma excursão ao interior de São Paulo com o Bando da Lua3 e, com eles e as Irmãs Pagãs, preparava-se para estrear no Cassino da Urca naquela sexta-feira, 3 de fevereiro de 19394. Seria mais um show, não fosse pelo fato de o empresário norte-americano Lee Schubert ter assistido e gostado muito. Tanto que a convidou para um jantar a bordo do transatlântico *Normandie*, onde lhe fez uma proposta para atuar nos Estados Unidos – porém, sem levar o Bando da Lua. Carmen rejeitou a proposta, pois não concebia ir sem levar o grupo que a acompanhava desde 1934. Falavam que a Carmem tinha um relacionamento com Aloysio de Oliveira, para justificar tal insistência.

Considerado o melhor conjunto vocal pela crítica especializada e contabilizando dez anos de uma carreira de sucesso, que incluiu algumas temporadas em Buenos Aires com a própria Carmen, três discos pela Odeon e 39 pela RCA Victor, o Bando da Lua tinha vida própria. Dois músicos do Bando, Ivo Astolfi e Hélio Jordão Pereira, temiam que o conjunto se transformasse em mero coadjuvante de uma cantora, mesmo que fosse Carmen Miranda. Razões suficientes para que pensassem em desistir da viagem às vésperas do embarque.

Ruy Castro, em sua biografia de Carmen Miranda, conta que já existia um “plano B” para o caso de se confirmar a desistência dos dois: em seus lugares seguiriam Garoto e Laurindo Almeida. Entretanto, a missão de representar a música brasileira nos Estados Unidos talvez tenha sido suficientemente grandiosa para vencer as resistências. Assim, embarcaram todos do Bando: Aloísio de Oliveira (vocal e violão), Ivo Astolfi (violão), Stênio Osório (cavaquinho), Hélio Jordão Pereira (violão), Osvaldo de Morais Éboli, o Vadeco, e Afonso Osório (ambos na parte rítmica).

A pré-estreia aconteceu no Shubert Theatre de Boston, onde Carmen eletrizou a plateia. A estreia na Broadway ocorreu no Broadhurst Theatre, que quase veio abaixo quando ela cantou *O que é que a baiana tem?*. Carmen roubou a cena. Era a dona do palco.

1. **GAROTO A CAMINHO DOS ESTADOS UNIDOS**

Não durou mais que cinco meses a permanência de Ivo Astolfi na terra do Tio Sam. A versão oficial é que ele, apaixonado e comprometido com uma moça de Porto Alegre, voltou ao Brasil para se casar, o que aconteceu alguns meses depois. Com seu regresso, Garoto recebeu um telegrama sendo convidado para ir aos EUA.

Em 1939, Carmen Miranda, o Bando da Lua e Garoto gravaram três discos, todos pela Decca. O grupo também atuou no cinema, na comédia musical Down Argentine Way, filme de Irving Cummings, de 1940, estrelado por Don Ameche e Betty Grable. O lançamento no Brasil, com o nome de Serenata tropical, foi cercado de grande expectativa. Os milhares de fãs de Carmen Miranda, porém, sentiram-se frustrados, pois seu papel se limitava ao de uma atração internacional em um cassino em Buenos Aires.

1. **COM CARMEM E O BANDO DA LUA EM NOVA YORK**

Carmen, Garoto e o Bando da Lua foram convidados para uma recepção na Casa Branca, onde se exibiram em alguns números para o presidente e os demais convidados. Garoto se emocionou ao entrar naquela casa tão famosa e tocar para Roosevelt.

Depois de um enorme sucesso nos EUA o Schubert concedeu férias a Carmen, o Bando e Garoto, que desembarcaram no Brasil em julho de 1940 para cerca de dois meses de descanso.

1. **GAROTO NÃO VOLTOU**

Cinco dias após a chegada, apresentam-se numa festa beneficente no Cassino da Urca, estavam com uma expectativa alta, mas infelizmente não tiveram um bom público. Carmen e o Bando da Lua voltaram para os Estados Unidos a bordo do navio Uruguai em outubro de 1940, e dessa vez pouca gente foi assistir ao embarque. Garoto não partiu com eles, apesar de ter afirmado que iria.

Uma das causas pode ser a questão racial, um grave problema que Garoto observou quando permaneceu nos Estados Unidos. Imaginou as situações desagradáveis que encontraria se voltasse com sua esposa negra. Uma segunda possibilidade, encontrada na biografia de Garoto, é seu descontentamento com os termos do contrato oferecido.

A decisão de não retornar aos Estados Unidos representou uma imensa frustração na vida de Garoto, pois já naquela época o país oferecia aos artistas uma estrutura profissional superior à brasileira. Além do mais, seu talento já era reconhecido pelo público norte-americano.

Em 1941, Garoto organizou um conjunto vocal e instrumental que reunia os seguintes músicos: Ângelo Apolônio, o Poly, no violão e cavaquinho, Paulinho Cordeiro no violão, os ritmistas Russinho e Natal César e o cantor Waldemar Reis, remanescente do grupo anterior. Eram conhecidos como Garoto e seus Garotos. O grupo durou cerca de um ano e acompanhou diversos músicos.

1. **GAROTO E SEUS GAROTOS**

Novamente residindo no Rio de Janeiro, em 1941 Garoto organizou um conjunto vocal e instrumental que reunia os seguintes músicos: Ângelo Apolônio, o Poly, no violão e cavaquinho, Paulinho Cordeiro no violão, os ritmistas Russinho e Natal César e o cantor Waldemar Reis, remanescente do grupo anterior. Eram conhecidos como Garoto e seus Garotos.

1. **RÁDIO NACIONAL, A GRANDE PROJEÇÃO**

Em 1942, Garoto estreou na emissora com o programa Garoto e seus Mil Instrumentos. Patrocinado pela Coca-Cola e inspirado em programas norte-americanos, *Um Milhão de Melodias* gerou algumas críticas, como a de que constituiu “um marco importante no processo de alienação cultural dos brasileiros através de música”. Garoto integrou-se imediatamente à orquestra, iniciando com Radamés Gnattali uma das mais frutíferas colaborações da música instrumental brasileira.

A orquestra executava o repertório da Nacional, que incluía música popular brasileira ou internacional, e às vezes acompanhava os intérpretes do elenco da emissora. Havia também formações especiais, exclusivas para o programa, como o Trio Melodia e as Três Marias. Os arranjos seguiam os padrões das grandes orquestras norte-americanas, como a de Benny Goodman, porém adaptados às características da música brasileira.

Os arranjos que Radamés escrevia para a Orquestra Brasileira eram guardados no arquivo musical da Rádio Nacional, assim como as gravações. Esse material, ou o que resta dele, constitui hoje valiosa memória da história da música brasileira.

Simultaneamente ao programa Um Milhão de Melodias, Garoto também participava de Microfones e Bastidores ao lado de nomes como Augusto Calheiros, Dilu Mello, Os Índios Tabajaras, Eladir Porto, Trigêmeos Vocalistas – na verdade, três irmãos (Armando Carezzato, Raul e Humberto) dos quais apenas dois eram gêmeos – e o Regional de Dante Santoro.

1. **DE FÉRIAS NOS CASSINHOS, MAS A TRABALHO**

No início de 1944, Garoto se sentia nervoso e irritado, tinha azia e dores na coluna. Acabou pegando um afastamento de 4 meses. Nos quatro meses em que ficou afastado da Nacional, Garoto apresentou-se em Poços de Caldas, Santos, São Vicente e Curitiba.

Enquanto isso, as atrações se sucediam no Palace. Além de fazer os solos instrumentais, Garoto aparecia no setor das orquestras: Guary e a Orquestra Carioca e Garoto com os Enciclopédicos Musicais.

A temporada prosseguiu com apresentações no Cassino São Vicente, na Ilha Porchat, onde Garoto atuou ao lado de Januário de Oliveira, do trio argentino Los Pamperitos e da eclética cantora Tâmara. Gostou tanto de Santos que compôs na ocasião um choro dedicado a José Menino, um bairro daquela cidade.

Em meados de 1944 Garoto passou a atuar em duo com a pianista Carolina Cardoso de Menezes na Rádio Nacional e esporadicamente na Rádio Guanabara.

Garoto estava então com 29 anos, acabou tendo alguns atritos com sua esposa e com a direção do programa em que tocava. Apesar dos aborrecimentos e das dificuldades financeiras, sentia-se ligado à Rádio Nacional. Teve propostas para trabalhar em outras emissoras, como a Rádio Globo, mas recusou.

Havia compensações. Em agosto de 1944, por exemplo, foi o homenageado do programa All Star, na Nacional. Além disso, participou de outros programas, como Divertimentos Toddy.

Foi nesse mesmo ano de 1944, em dezembro, que Garoto participou de um programa que marcou sua vida.

1. **MUITOS TRABALHOS**

O ano de 1945 se inicia e com ele as apresentações constantes na rádio nacional nos seguintes programas: *Tabuleiro da Baiana, All Star e Um Milhão de Melodias* onde executou entre outras músicas e arranjos uma composição erudita própria *o Concerto em ritmo de choro*, como solista.

De fevereiro a maio, Garoto tira uma licença da Rádio Nacional e retorna à sua terra natal, São Paulo para o aniversário da mãe e aproveita para enviar o seu violão para Romeu Di Giorgio para revisão. Além da visita de cunho pessoal, Garoto continua a sua temporada de apresentações Jahú de Curitiba e Ilha Porchat em São Vicente. Na capital paranaense, Garoto sentia-se inspirado pelo clima e pelas boas amizades e compôs algumas músicas dedicadas a cidade como *Chorinho do Ahú* em homenagem ao cassino citado anteriormente.

Após a temporada nos cassinos, retornou a São Paulo e entrou em contato com diversas emissoras (Cosmos, Cruzeiro, Record, Cultura e Tupi) tentando negociar a apresentação em diversos programas, porém sem sucesso. O motivo dos desacordos era financeiro. As emissoras não pagavam um valor considerado justo por Garoto. Vale ressaltar que este não era um problema apenas das emissoras capital paulista, na época era comum os artistas tirarem licença das suas emissoras para realizarem temporadas nos cassinos e complementarem a renda, devido aos baixos vencimentos pagos no rádio.

No seu retorno à Rádio Nacional além do seu retorno ao programa Um Milhão de Melodias, passou a apresentar o programa Garoto e sua guitarra havaiana às segundas-feiras e participar do programa Aquarela do Brasil às sextas-feiras. Neste período participou também da orquestra sinfônica solando um pequeno trecho da Valsa de Esquina de Francisco Mignone.

1. **GAROTO E SEUS GUITARRISTAS**

A grande novidade ficou por conta da criação do grupo Garoto e seus Guitarristas com a seguinte formação: Garoto, Hélio Rosa, Vidal e Luís Bittencourt. Hélio Rosa e Garoto tornaram-se grandes amigos a partir desta ocasião. Apesar do sucesso inicial o grupo de desfez em julho de 1945.

Em meados de agosto, após sofrer com problemas de saúde, Garoto volta a participar do programa *Um Milhão de Melodias* e escreveu o arranjo do choro Rato-rato para ser gravado por seu novo conjunto, um embrião do grupo Bossa Clube que posteriormente fez sua estreia oficial no programa *Alô Brasil,* em 9 de Outubro de 1945. O grupo era composto por Luís Bittencourt, Luís Bonfá e Valzinho (violões), Pedro Vidal (contrabaixo), além e Garoto que era o solista principal.

Os programas musicais da Nacional se renovavam constantemente. Em outubro de 1945 estrearam *Dona Música*, com comentário e execução de músicas de várias partes do mundo, e *Aquarela das Américas*, integrando a arte musical do continente. O programa de solos de violão apresentado por Garotopassou a se chamar *Garoto e seu Violão*. Aos domingos, ele apresentava um programa ao vivo, *Garoto e seus Instrumentos*, em que executava solos de cavaquinho, bandolim, guitarra havaiana, violão e violãotenor.

O final de 1945 trouxe momentos especiais na vida de Garoto. Primeiro, o prestígio de ter três de suas músicas tocadas na estreia do novo conjunto do Badeco, Os Tupiniquins, na Rádio Globo. Depois, uma pequena temporada em Campos de Jordão na boate do grande hotel.

1. **EM BUSCA DE RENOVAÇÃO**

O ano de 1946 representou grandes mudanças na vida de Garoto, tanto na carreira musical como na vida familiar. Nos primeiros meses do ano continuou a fazer apresentações no programa *Um Milhão de Melodias,* no programa *Canção Romântica* como integrante da orquestra e no seu programa *Garoto e seu Violão,* patrocinado pela Johnson & Johnson, este último apenas até o mês de março. Em junho a Nacional acrescentou outro programa, também de solos, *O Senhor Violão*.Naquele ano, Garoto passou também a dirigir o conjunto Clube da Bossa, praticamente com a mesma formação do Bossa Clube, exceto pelo acréscimo do piano, a cargo de Zimbre.

Outro programa de que Garoto participou com regularidade foi *Aquarelas do Brasil*, que ao longo do ano passou a se chamar *Aquarelas das Américas* e em seguida *Aquarelas do Mundo*. Nesse programa atuou principalmente como integrante da orquestra, assim como no *All Star*, que executava essencialmente melodias norte-americanas, e no programa *Nelson Gonçalves*. Também se apresentou no programa *Pixinguinha* e no programa de Almirante, *História* *dos Músicos e Orquestras do Rio de Janeiro*, quando o homenageado foi o maestro Eduardo Patané.

1. **FIM DOS CASSINOS**

Durante a temporada um duro golpe afetou a carreira não só de Garoto, mas de todos os músicos que faziam sua temporada nos cassinos. O general Eurico Gaspar Dutra editou o Decreto-Lei no 9.215, proibindo o jogo no território nacional. Todos os cassinos foram fechados.

Como foi dito anteriormente, os músicos compensavam os baixos rendimentos dos rádios se apresentando nas casas de apostas. O espaço deixado pelos cassinos foi ocupado pelas boates, mas com ganhos bem inferiores. Em termos musicais, o ano de 1946 foi bastante produtivo para Garoto, com diversas composições, como *Fim*; *Debaixo do pé de jamelão*, música inspirada por um passeio longe da cidade, em contato maior com a natureza. Novas perspectivas se abrem, como anotou Garoto em seu diário: “Faço meu primeiro verso. Começo a treinar a fazer letras para minhas músicas”.

Sua letra mais famosa é a de *Duas contas*: “Teus olhos/ são duas contas pequeninas/ qual duas pedras preciosas/ que brilham mais que o luar [...]”. Muitas de suas músicas ganharam letras de outros compositores, como ocorreu com os temas instrumentais *Gente humilde*, *Meditação e Vivo sonhando*, que formavam uma suíte. Mesmo com todas as suas atividades, Garoto conseguiu tempo para fazer um curso de composição e piano no Conservatório Brasileiro de Música – um curso livre e de curta duração, pelo que se deduz de suas anotações.

Na Rádio Nacional, Garoto continuava se desdobrando em vários programas: *Um Milhão de Melodias*, *Canção Romântica*, *Aquarelas do Mundo* e *Radiomelodias Ponds.* Neste último, Garoto fazia parte da Orquestra *All Stars*, que se apresentava tanto como principal atração quanto no acompanhamento de outras atrações, com o conjunto Os Cariocas. Os programas de solos de violão, apresentados nos três últimos anos, simplesmente desapareceram em 1947.

1. **MUDANÇAS NA VIDA PESSOAL E DA EMISSORA**

A vida de Garoto, enquanto isso, tomava rumos que o distanciavam de Duge e da Rádio Nacional. O período era de grande turbulência. No ano de 1948, após se separar da esposa e assumir o romance com Cecy a esposa do até então amigo Hélio Rosa, Garoto decide romper contrato com a Rádio Nacional.

Logo no início de setembro, Garoto entra para a Rádio Guanabara onde permanece até novembro. Vale registrar que durante a breve passagem pela Rádio Guanabara Garoto conhece Jacob do Bandolim fazendo programas juntos. A partir de maio de 1949, Garoto passou a figurar na programação da Rádio Tupi. Permaneceu nessa emissora até outubro, tendo participado dos seguintes programas: *Um Fio de Melodias, Hora do Recreio, Semana do Rádio e Ritmo Louco.*

1. **SOBREVIVENDO DA MÚSICA**

No final de novembro de 1949, Garoto saiu do Rio de Janeiro em direção a São Paulo para atuar na Rádio Record, contratado pela emissora. Apesar de ter passado apenas um ano trabalhando para a emissora foi neste período que Garoto conheceu quem foi seu maior parceiro pelo resto de sua vida, o humorista José Vasconcelos. Algumas produções deles dois: *Desejo e Lágrimas de sonho*, *Canção de Portugal*, *Baião do Lenhador*, *Baião do Rouxinol*, *De pé atrás*, etc. O compositor não era apenas um talento da música popular brasileira, mas também na música erudita. Isso se comprova com o programa de um edital que realizou em 1950, na Associação Cultural do Violão.

Voltando ao seu trabalho na Record, durante o período de um ano ele conseguiu aprimorar seus arranjos e composições apresentando o programa Diabruras do Garoto. Após o fim de seu vínculo com a Rádio Record (SP), garoto retorna para a Rádio Nacional. No mesmo ano Garoto realizou uma gravação um tanto quanto polêmica: seu próprio arranjo da música *Abismo de Rosas*, de Américo Jacobino (Canhoto). O que era uma música considerada referência de execução para se reconhecer um bom violonista, principalmente na sua introdução em oitavas, foi modificada em seu arranjo de modo que a harmonia fosse mais “moderna”.

Além disso, pela gravadora Odeon, ele também compôs seis músicas consecutivas com solo de bandolim, sendo ressaltada aqui a gravação de Desvairada (valsa choro) – em parceria com Dino 7 Cordas.

1. **RETORNANDO A RÁDIO NACIONAL**

O compositor voltou ao Rio de Janeiro no começo de 1951. Mesmo com o contrato renovado na Rádio Nacional, Garoto teve a necessidade de tocar em boates para complementar sua renda, visto que o seu pagamento no contrato atual era consideravelmente menor que o contrato de 1946 na Rádio. Além disso, também para complementação de renda, Garoto realizava apresentações musicais extras com o pianista Bené Nunes, dava aulas particulares de violão e compôs jingles e prefixos musicais para programas de rádio. Por fim, ele foi homenageado duas vezes na Rádio Excelsior, recebendo a cada homenagem.

1. **A NOVA PROGRAMAÇÃO**

O programa de maior sucesso, Música em Surdina, produzido e apresentado por Paulo Tapajós, contava com a formação de um dos conjuntos mais famosos: o Trio Surdina, formado por Garoto (violão), Fafá Lemos (violino) e Chiquinho (acordeom) em 1952. Em 1951 o trio fez apresentações esporádicas no programa, visto que era mais comum que Garoto se apresentasse sozinho no Música em Surdina com diversos solos de suas músicas no violão.

No programa Ondas Musicais, levado ao ar em novembro de 1951, se deu a primeira execução de sua música Gente Humilde com arranjo vocal de Badeco, com a letra original de um autor que não quis se identificar:

*Em um subúrbio afastado da cidade*

*Vive João e a mulher com quem casou*

*Em um casebre onde a felicidade*

*Bateu à porta foi entrando e lá ficou*

*E à noitinha alguém que passa pela estrada*

*Ouve ao longe o gemer de um violão*

*Que acompanha*

*A voz da Rita numa canção dolente*

*É a voz da gente humilde*

*Que é feliz*

**Essa mesma música é mais conhecida pela letra** póstuma feita por Vinícius de Moraes e uma pequena contribuição de Chico Buarque, sendo mais conhecida a partir de 1970.

*Tem certos dias em que eu penso em minha gente*

*E sinto assim todo o meu peito se apertar*

*Porque parece que acontece de repente*

*Como um desejo de eu viver sem me notar*

*Igual a como quando eu passo no subúrbio*

*Eu muito bem-vindo de trem de algum lugar*

*E aí me dá como uma inveja dessa gente*

*Que vai em frente sem nem ter com quem contar*

*São casas simples com cadeiras na calçada*

*E na fachada escrito em cima que é um lar*

*Pela varanda, flores tristes e baldias*

*Como a alegria que não tem onde encostar*

*E aí me dá uma tristeza no meu peito*

*Feito um despeito de eu não ter como lutar*

*E eu que não creio peço a Deus por minha gente*

*Que é gente humilde, que vontade de chorar*

1. **A BOSSA NOVA EM GESTAÇÃO**

Um efeito do pós 2ª guerra na vida artística do Rio de Janeiro foram as apresentações musicais em boates noturnas. Os jornalistas acompanhavam de perto a vida dos músicos daquela cidade, e assim se acompanhou o nascimento de uma nova geração de músicos e compositores que foram influenciados pelas tendências jazzísticas dos Estados Unidos e que absorveram as novas ideias de Radamés Gnattali e Garoto.

1. **O TRIO**

Em 1952 o Trio Surdina foi formado, tendo sido um dos maiores conjuntos de música brasileira, composto por Garoto (violão), Fafá Lemos (violino e voz) e Chiquinho (acordeon). Com a saída de Fafá Lemos para a sua ida aos Estados Unidos, Garoto expressava suas saudades pelo país e a vontade de retornar a ele, e o trio continuou com a composição de Garoto, Chiquinho e Zé Menezes.

1. **A CATEDRAL DO SAMBA**

Para reunir os admiradores da sua música que seu amigo (e músico) Georges André deu um almoço de feijoada em sua casa, em 1952, que depois se seguiu para uma “noitada” na casa de outro amigo Lauro Paes de Andrade. Daí surgiram as reuniões chamadas “Samba Sessions”, que serviu de motivação para a criação do grupo Clube dos Amigos do Samba (CAS). Essas reuniões contavam com apresentações de Radamés Gnattali, Waldir Azevedo, entre outros.

Após a morte de Garoto o músico Nilo Sérgio remontou o Trio Surdina com a formação de Auro P. Thomaz (acordeom), Joaquim Gonçalves Filho (violino) e Nestor Campos (violão). Foi este trio, o qual contou com a imensa ajuda do talento de Garoto, deu forma à bossa nova, com os precursores Tom Jobim e Johnny Alf.

1. **GAROTO ENTRE OS MESTRES**

De 1953 a 1955, Garoto recebeu a consagração de seu lugar entre os mestres da música instrumental. Sua primeira audição foi o concerto do *Concertino n.2 para violão e orquestra* de Radamés Gnattali com a Orquestra Sinfônica Municipal do Rio de Janeiro, sob a batuta de Eleazar de Carvalho, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Nesta época, Garoto teve maior proximidade com Gnattali e seus encontros com Laurindo de Almeida e Pixinguinha marcaram uma fase importante de trocas artísticas. Assim que o compositor compra um terreno e constrói sua casa ao lado do sítio de Radamés compõe as músicas *Glorinha na Montanha* e *Sou de Pernambuco*. Além disso, ele tem uma parceria com Chiquinho para a gravação da música *São Paulo* Quatrocentão, que teve mais de setecentas mil cópias vendidas. Ele também foi escolhido como melhor solista de 1953 no concurso “melhores do ano” instituído pela Revista do Disco. Por fim, ele teve suas músicas regravadas por importantes nomes da época, como por exemplo: *Meditando*, regravada por Bola Sete ao violão elétrico, e *Meu Coração*, por Maria Odila no acordeom.

1. **DESPEDIDAS E ÚLTIMOS TRABALHOS**

Garoto deixa a rádio nacional em 1954 e passa a viver de aulas particulares, gravações e apresentações em bailes, muda-se para um apartamento maior. No mesmo ano ele tem sua primeira aparição na TV (Tupi), a convite de José Vasconcelos, e sua a segunda e última participação foram na mesma emissora, com Garoto e Radamés Gnattali executando a versão reduzida do *Concertino n.2 para Violão e Piano.*

Garoto comemorou seus 39 anos, na residência de Lia Torá na Urca, e contou com a presença de nomes como Pixinguinha, Radamés Gnattali, Furinha e Fafá Lemos. Esse seria o último aniversário de Garoto.

A reta final de sua vida contou com a apresentação no auditório da Rádio Gazeta, em São Paulo, juntamente com a orquestra da emissora em agosto de 1954 e a reapresentação do mesmo programa, na Rádio Inconfidência, em Minas Gerais. Além disso, ele é convidado para compor a trilha sonora do filme *Marujo por acaso,* dos irmãos Alípio e Eurides Ramos e apresenta-se com Luiz Eça e Tom Jobim.

Houve um breve retorno do Trio Surdina no final de 1954, com algumas apresentações e gravações das músicas *Luar de Areal,* e *Gente que brilha*. A última obra de Garoto foi a composição de *Tema e Variação*, inspirada no poema *Homônimo* de Manuel Bandeira. Garoto faleceu em 3 de maio de 1955, vítima de um infarto aos 39 anos de idade.

1. **A PRESENÇA DE GAROTO**

O legado que Garoto deixou é, no mínimo, notável. Sua obra tem sido divulgada por meio de suas próprias gravações e de interpretações realizadas por outros instrumentistas. Baden Powell, em 1972, incluiu em seu disco quatro músicas de Garoto, Bom de dedo, Gente humilde, Pausa para meditação e Filho de Furinha.

Baden não chegou a conhecer Garoto pessoalmente e tinha um modo muito pessoal de executar as músicas dele, mudando até os nomes: Bom de dedo é o Jorge da Fusa; Pausa para meditação é o Vivo sonhando; e Filho de Furinha é o Gracioso. Furinha, como já se disse aqui, era o apelido do violonista, compositor e dentista Demerval Fonseca Neto, grande amigo de Garoto.

Gente humilde teve esse nome desde sua criação. Recebeu letra daquele poeta anônimo de Minas

Gerais e foi executada pela primeira vez no programa Ondas Musicais, da Rádio Nacional, em 1951. A melodia original não tinha aquela “subida” que foi consagrada na voz de Ângela Maria: “E aí me dá...”.

A letra é quase toda de Vinicius de Moraes, com o finalzinho creditado a Chico Buarque de Holanda. A história dessa letra é curiosa. Sempre que podia, Baden tocava essas músicas de Garoto. Numa ocasião mostrou-as a seu parceiro Vinicius de Moraes, que se encantou particularmente com Gente humilde, prontificando-se a escrever uma letra para ela. Como de hábito, algumas garrafas de uísque foram consumidas. Vinicius não conseguia terminar a letra. Desesperado, procurou Chico Buarque, que fez o verso final, nascendo assim a parceria Garoto/Vinicius/Chico Buarque, muito tempo após a morte de

Garoto. Não se pode afirmar se Vinicius conhecia ou não a letra original, mas o fato é que essa segunda versão, bem superior na letra, projetou bastante o nome do Garoto. Cabe registrar que existem outras versões para todo esse episódio.

Um trabalho importante é Tributo a Garoto, lançado pela Funarte (1984), onde Radamés Gnattali e Raphael Rabello revivem a versão reduzida para violão e piano do *Concertino nº 2* e tocam *Desvairada, Enigmático, Nosso choro, Duas contas* e *Gente humilde*.

O longo texto de contracapa traz um dado intrigante. Depois de ressaltar as qualidades artísticas de

Garoto, descrevendo todos os seus talentos, acrescenta: “[...] além de ser um bom pianista” – informação curiosa, que não corresponde à biografia conhecida de Garoto, exceto pelo curso livre de curta duração, realizado em 1946.

Data do mesmo ano a primeira incursão do consagrado violonista Paulo Bellinati na obra de Aníbal Augusto Sardinha. O LP Garoto, da Marcus Pereira, é totalmente baseado no material gravado por Garoto para Ronoel Simões em 1950. Esse trabalho vinculou Bellinati à música de Garoto, abrindo as portas para um trabalho de fôlego ainda maior: a gravação de um CD com a obra completa para violão de Garoto e dois cadernos de partituras contendo as transcrições de Bellinati das músicas do disco.

Para chegar à “maneira de tocar do Garoto”, como afirma, Bellinati confrontou várias versões para uma mesma música. O resultado está nas palavras de Badeco: “Nunca vi uma pessoa tocar tão parecido com outra a quem não conheceu pessoalmente, como acontece com Paulo Bellinati e Garoto!”.

Não é segredo no meio artístico a admiração de João Gilberto por Aníbal Augusto Sardinha. Os acompanhamentos que Garoto fazia, ligando os acordes por meio de belas frases musicais, empolgavam João, que dizia: “O Garoto é um camarada esperto, ele sabe fazer aqueles encadeamentos, ele acompanha de uma forma que fica mais bonita”. Em 1991, João Gilberto gravou um CD pela Philips com arranjos e regência de Clare Fischer, no qual inclui *Sorriu para mim*, de Garoto e Luís Cláudio (pseudônimo de Cecy).

Dois anos depois, surge como idealizador do projeto Viva Garoto, que resultou em apresentações no Centro Cultural do Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, e em um CD no qual foram aproveitadas as gravações que Garoto fez para Ronoel Simões. A exemplo do que fizera Léo Peracchi naquele trabalho, algumas músicas foram pós-arranjadas. Egberto Gismonti participa ao piano em Choro triste nº 1 e tocando viola de 12 cordas no Choro triste nº 2. Wagner Tiso ao piano, acompanhado de um quarteto de cordas e do baixo de Nico Assumpção, cuidou de *Vivo sonhando*. O pianista Guilherme Vergueiro fez um arranjo para flauta em *Gracioso* e Dino Sete Cordas e Zé Menezes, na viola, participam com o amigo Garoto em *Nosso choro*. As demais faixas são: *Inspiração*, *Improviso*, *Jorge da Fusa*, *Um rosto de mulher*, *Meditação* e *Lamentos do Morro*.

Em 1998, o também multi-instrumentista Zé Menezes grava pela RGE o CD Relendo Garoto. Com a autoridade de quem conviveu e tocou com ele na Rádio Nacional desde 1947, Menezes é o responsável pelos arranjos das 14 músicas que compõem o disco. Os belíssimos choros: *Quanto dói uma saudade* e *Meditando*, bem como o dobrado *São Paulo* *quatrocentão*, de Garoto e Chiquinho, fazem parte da seleção, junto com 11 peças para violão de Garoto. No texto do encarte, de Mauro Dias, Menezes conta que muitas vezes ele e Garoto compunham no momento em que estavam tocando. “Vamos fazer uma valsa”, dizia Garoto. “Qual o tom?”, perguntava Menezes. Compunham ali mesmo, na hora, diante de uma plateia extasiada com aquela tabelinha musical.

1. **GAROTO POR DENTRO DA RÁDIO NACIONAL**

Em menos de quarenta anos de vida Garoto deixou uma obra monumental, ainda não devidamente apreciada e que é uma pequena parte do que produziu ao longo desses anos de atividade artística. Realizou pouquíssimas gravações ao violão. Não fosse por Ronoel Simões – autoridade suprema no violão brasileiro, que tão bem conservou as gravações em acetato – pouco saberíamos dessa parte da obra do gênio das cordas.

Desde que ingressou na Rádio Nacional e passou a conviver com Radamés Gnattali, o interesse de Garoto pelo violão se manifestou cada vez mais. O maestro conhecia fartamente as novidades trazidas pela música norte-americana e procurava adaptá-las à música brasileira. Garoto cedo percebeu que era possível transpor para o violão brasileiro essas novas informações, sobretudo harmônicas. Foi então um divisor de águas no violão brasileiro, e seu nome sempre esteve associado ao que era moderno. Fez vários programas dedicados exclusivamente a seu instrumento preferido na Rádio Nacional, entre os quais se destacam: Garoto e os Clássicos do Violão (1945), Garoto e seu Violão (1945); Senhor Violão! (1946). Embora esses programas não tenham se tornado tão populares quanto os de seu contemporâneo Dilermando Reis, que era o maior representante do violão brasileiro tradicional, isso serviu para estabelecer a diferença de escolas e ainda exercer grandes influências:

“O único ídolo que tive e uma influência assim direta foi o Garoto, o Aníbal Augusto Sardinha. Eu escutava muito um programa lá na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, de meio dia à uma da tarde, logicamente ao vivo. Através dele comecei a perceber as possibilidades que o violão tem. Ouvia então aqueles programas já com o violão na mão e conforme o acorde que ele fazia lá, eu o procurava aqui”,dizia Paulinho Nogueira

Certamente, em programas como Garoto e seus Instrumentos e Garoto e seus Solos, o apresentador deve ter também tocado seu violão. Mesmo em relação aos outros instrumentos que tocava, muito do que fez nos programas radiofônicos em que participou não foi gravado em discos comerciais. Na Rádio Nacional, por exemplo, onde passou um bom tempo de sua vida artística, deixou muita coisa registrada tanto naqueles famosos discos de acetato quanto nas partituras feitas para os programas com orquestra. Infelizmente, parte desse material se perdeu ao longo dos anos.

Com o desmantelamento da Rádio Nacional pela ditadura militar, a partir de 1964, todo o seu riquíssimo acervo foi deixado de lado. Paulo Tapajós encontrou os delicados e frágeis discos de acetato e as partituras “jogados num dos banheiros da emissora e empilhados no corredor, como coisa imprestável”. Esse acervo, incorporado ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS) em 1972, consistia então de cerca de quarenta mil discos, 358 mil partituras e 1.300 scripts de programas, e esperaria um tempo até ser catalogado. A saga continuou, quando um incêndio atingiu o prédio do MIS na praça XV em 1981. O arquivo permaneceu quase dois anos em uma das salas do ateliê de escultura do Museu Histórico do Rio de Janeiro. Hoje os discos de acetato e as partituras estão no prédio do MIS na rua da Lapa, 47.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

MELLO, Jorge. **Gente Humilde**: vida e música de Garoto. [S. I]. Edições Sesc. 1ª edição. 2012.